

2013/09/09

Como se forma um terrorista jihadista no Ocidente: o processo de radicalização

José Augusto Vale Faria ^{1, 2}

Nos últimos tempos o Ocidente testemunhou vários atentados terroristas, quer na Europa quer nos Estados Unidos, desencadeados por indivíduos isolados, sem formação em campos *jihadistas* (no Afeganistão, Paquistão, ou outro local) nem ligação directa à Al-Qaeda ou às suas filiais regionais, mas cometeram atentados que provocaram numerosas baixas entre a população civil e foram sobretudo, altamente mediatizados.



Como refere Rui Cardoso, entre outros, “descontando o lastro religioso e ideológico, estes novos terroristas parecem-se mais com os adolescentes que aliviam frustrações metralhando professores e colegas do que com membros de células organizadas obedecendo a uma hierarquia e a um plano de operações” (Cardoso 2013, 29).

Se adicionarmos a estas razões e/ou motivações o aparecimento e a difusão de projectos políticos regionais e mesmo globais, com base na interpretação radical de textos religiosos, que santificam o martírio ofensivo e incentivam à prática de atentados terroristas suicidas, temos delineado o panorama actual para podermos compreender a importância do terrorismo como arma estratégica privilegiada, dos fracos contra os fortes, nos conflitos de natureza assimétrica.

Destarte, ficamos em condições de perceber a sua generalização nos nossos dias.

Tendo como cenário de análise os atentados ocorridos na maratona de Boston de 2013 e a reacção subsequente (ao nível de segurança e socorro), John Horgan³ considera que o terrorismo tem muitas similitudes com o teatro (Henriques 2013, 28-29). Nesta perspectiva, João Paulo Cândia Veiga, diz-nos que a “Al-Qaeda subverteu a dimensão teatral da acção política, presente desde a antiguidade, em que a política como teatro deu lugar ao horror como espetáculo. Neste caso, o palco é o próprio mundo e a peça desenrola-se a partir dos constrangimentos impostos pelo mercado e pela instabilidade decorrente da condição ‘solitária’ dos EUA como potência militar unipolar” (Veiga 2005).

¹ Tenente-Coronel de Infantaria da Guarda Nacional Republicana. Licenciado em História pela Universidade Aberta e Mestre em Relações Internacionais pela Universidade do Minho.

² Este artigo não foi elaborado segundo as regras do novo Acordo Ortográfico.

³ John Horgan, especialista em psicologia do terrorismo, é professor na Universidade da Pensilvânia e director do *International Center for the Study of Terrorism*.

Contudo, e segundo Veiga, estes elementos só ganham uma dimensão global em razão de outro ingrediente fundamental que maximiza o choque e o mau estar geral: os media.

Neste sentido, o ambiente mediático em que estamos inseridos permite levar ao conhecimento da população da “aldeia global” e em tempo real, o “espectáculo” do terror, tornando muito próximo o atentado longínquo, e desta forma exponenciar os efeitos de terror por ele provocados e, segundo Veiga, os órgãos de comunicação social constituem o “mecanismo que subverte a relação entre os meios e os fins, maximizando o fenómeno como um espectáculo de dimensões épicas” (Veiga 2005).

Daniel Dayan diz-nos também que “sem a publicidade o terrorismo não existiria”, e que a “violência consiste em significar”, porquanto “a violência terrorista é, eminentemente comunicacional”, logo “todo o acto terrorista é uma mensagem” (Dayan 2009, 22)

Ainda sobre o cenário dantesco do atentado Boston, Horgan recorda-nos uma lição, não sobre a psicologia dos terroristas, mas sobre a psicologia da resposta às suas acções terroristas (atentados), porque se considerarmos que grande parte da eficácia do terrorismo reside no facto dos seus autores desejarem ter muitos espectadores (para fomentar a propaganda ideológica), a resposta confusa proporcionou-lhes isso, alimentando a psicologia do terrorista (Henriques 2013, 28-29).

As investigações conduzidas por Scott Atran⁴ indicam que actualmente as conspirações terroristas contra alvos ocidentais tendem a ser pouco sofisticadas, e não controladas por organizações internacionais. Ao invés, parecem partir de redes domésticas, ou mesmo caseiras, com o objetivo de defender menos uma causa, e mais os seus próprios interesses (Araújo 2013).

Segundo Atran, os terroristas modernos em geral “motivam-se uns aos outros dentro de ‘irmandades’ de parentesco real ou fictício”. Para eles “é como se a injustiça mundial ressoasse com aspirações pessoais frustradas, e a indignação daria sentido e impulso para a radicalização e a ação violenta”. Desta forma, nasceu um “movimento sem hierarquia, com acções de menor amplitude e autónomas, em constante evolução por meio das redes sociais” que possibilitou a concretização de “ataques terroristas bem-sucedidos nos últimos anos tão anárquicos, fluidos e improváveis que os autores conseguiram passar despercebidos”, sem os diversos serviços de informações (intelligence) conseguirem detectar e seguir os seus movimentos (Atran, *in* Araújo 2013).

Para Edwin Bakker, especialista em contraterrorismo da Universidade de Leiden, na Holanda, “os ataques da Al-Qaeda contra o Ocidente diminuíram em intensidade, mas os *jihadistas* passaram a incentivar jovens autónomos que vivem em países ocidentais a manter viva a ameaça terrorista”. Bakker diz-nos ainda que se por um lado, “a possibilidade de haver um novo 11 de Setembro é mínima”, porém “os terroristas solitários são muito mais difíceis de ser detectados e detidos” (Bakker, *in* Araújo 2013).

Um exemplo paradigmático que ilustra esta nova realidade de actuação do movimento *jihadista* mundial ocorreu em França, entre 11 e 19 de Março de 2012, onde Mohamed Merah, um “lobo solitário” francês de origem argelina, matou três soldados franceses (dois de origem magrebina e um do caribe), um rabino e três crianças judias de uma escola em Toulouse. Segundo o Ministério do Interior

⁴ Scott Atran, antropólogo, é diretor de Investigação em Antropologia no *Centre National de la Recherche Scientifique*, em Paris, e professor na Universidade de Michigan. É autor do livro *Talking to the Enemy: Faith, Brotherhood, and the (Un)Making of Terrorists*.

francês, Merah terá frequentado campos de treino no Paquistão e combateu no Afeganistão com os talibãs, sendo muito provável que a sua acção tenha sido uma alegada retaliação pela participação francesa na guerra no Afeganistão (Editorial El País 2012).

Recentemente, em 15 de Abril de 2013, cerca das 14h49 (hora local), enquanto a Maratona de Boston ainda estava a decorrer, duas explosões ocorreram no lado norte de Boylston Street ao longo do percurso final da Maratona. Os autores deste atentado foram dois irmãos de origem chechena, Tamerlan e Dzhokar Tsarnaev, de 26 e 19 anos, respectivamente, que detonaram dois engenhos explosivos improvisados em painéis de pressão, provocando 3 mortos e 282 feridos, incluindo vários queimados e mutilados nos membros inferiores (Criminal Complaint in Guardian 2013).

Posteriormente, em 22 de Maio de 2013, Lee Rigby um jovem militar de 25 anos, quando regressava ao seu quartel em Woolwich, nos arredores de Londres, foi deliberadamente atropelado e, de seguida, esquartejado com facas e cutelos pelos dois homens que seguiam na viatura. Um deles, Michael Adebolajo, dirigiu-se aos transeuntes, sem largar as armas e com o sangue a pingar das mãos, dizendo: "Há muçulmanos mortos diariamente por soldados britânicos (...), é olho por olho e dente por dente!" (Cordeiro 2013, 30).

O crime foi perpetrado por dois muçulmanos gritando *Allah Akbar* (*Allah* é o maior) e, segundo Eduard Yitzhak, os dois homens cometeram o crime, alegadamente, seguindo a orientação da oitava surata, versículo 12 do Alcorão: "quando Allah revelou aos anjos. Estou convosco. Firmeza, pois, aos crentes! Infundirei o terror nos corações dos incrédulos. Decapitai-os e decepai-lhe os dedos!" (Yitzhak 2013).

Três dias depois, um extremista foi detido em Paris após apunhalar um soldado francês; e no dia seguinte, numa prisão de Yorkshire (Inglaterra), três reclusos islamitas apunhalaram um guarda prisional, antigo soldado (Cordeiro 2013, 30).

Rob Crowley⁵ considera que estes trágicos eventos podem espelhar uma mudança no terrorismo de inspiração islamista radical, porque as grandes organizações estruturadas, por incapacidade sua e devido à enorme pressão e eficácia da vigilância antiterrorista, recorrem ao que na gíria alguns autores designam por "terrorismo Nike" (devido ao *slogan* "Just do it"), mais barato e fácil de executar (Cordeiro 2013, 30).

Mas, antes destes eventos terroristas mais recentes, ocorreram vários episódios similares nos EUA que indiciavam estar em curso uma mudança no *modus operandi* do terrorismo *jihadistas*, após o 11 de Setembro de 2001. Pensemos no major Hasan Nidal Assan (médico psiquiatra de origem palestina) que abriu fogo sobre os seus camaradas em Fort Hood matando 13 pessoas (5/11/2009); em Faisal Shizad (de origem paquistanesa), que estacionou um carro-bomba em Times Square, Nova Iorque (01/05/2010); ou em Najibullah Zazi (também de origem paquistanesa), que em Setembro de 2009 tentou colocar bombas no Metro de Nova Iorque (Cardoso 2013, 29).

Todos estes acontecimentos revelam que para além das redes poderosas e organizadas, com capacidade para acções espectaculares em larga escala, emergiram os chamados "lobos solitários", sendo os irmãos Tsarnaev que atacaram em Boston, um exemplo elucidativo.

Esta nova filosofia de actuação ou *modus operandi* do movimento *jihadista global*, através de acções realizadas por "lobos solitários" extremistas e auto-radicalizados, surgiu como uma contramedida operacional às medidas de segurança, mais

⁵ Analista da consultora Risk Advisory.

eficientes e eficazes, adoptadas pelos países ocidentais, conjugadas com uma melhor articulação e cooperação internacional entre os diversos serviços de informações e as forças e serviços de segurança (Burke 2013) que alguns analistas também designam como *jihad* súbita (Yitzhak 2013).

Sobre este assunto, Joseph Young refere (Euronews 2013): “o que sabemos é que estas pessoas são relativamente incompetentes, mas difíceis de detectar. Não representam o mesmo risco para a segurança que a Al-Qaeda, porque não são capazes de destruir ou atacar grandes edifícios e provocar milhares de mortos. Têm escassos meios mas escapam mais facilmente à vigilância e podem atacar onde menos se espera”.

Todos estes trágicos acontecimentos têm por denominador comum a matriz islamista dos seus autores, contudo, os lobos solitários não são um exclusivo do movimento *jihadista* internacional.

Os EUA, nomeadamente, têm sido alvo de diversos ataques protagonizados por alguns cidadãos alienados e extremistas, como por exemplo o professor de matemática Ted Kaczynski (conhecido por *unabomber*) que enviou várias cartas e encomendas armadilhadas para vários Estados dos EUA (capturado em 03/04/1996), e o ataque com um camião-bomba contra um edifício federal, na cidade de Oklahoma, em 19 de Abril de 1995, executado por Timothy McVeigh, um veterano da guerra do Golfo (Miguel 2013, 85).

Na Europa destacou-se recentemente Anders Behring Breivik, um norueguês de 32 anos que em 22 de Julho de 2011, matou 77 pessoas e deixou mais de 240 feridas num ataque que foi considerado o mais brutal realizado na Noruega desde a II Guerra Mundial. Breivik explodiu um carro-bomba⁶ no centro de Oslo, junto de um edifício governamental, onde morreram 8 pessoas, e horas depois assassinou a tiro 69 pessoas, na sua maioria adolescentes, no campo de Verão da juventude do partido trabalhista norueguês na ilha de Utoya (Guardian 2012).

Breivik revelou *online*, no seu manifesto islamofóbico de mais de mil e quinhentas páginas, publicado de imediato após os atentados, a sua motivação contra uma estratégia islâmica de controlo absoluto da Europa, não através de *jihadistas*, mas de uma predisposição demográfica que alguns países balcânicos e a Turquia supostamente têm, aliada a uma profunda condescendência dos governos europeus à presença de comunidades muçulmanas. Neste sentido, clamava “por uma guerra santa contra o que chama de futuros ‘mini-Paquistões’ (Albânia, Bósnia, Kosovo) e que já estão a dar cabo das fundações da nossa querida Europa, tão pura e católica” (Lima 2011).

Recentrando o nosso foco de análise no atentado da maratona de Boston, e da investigação subsequente, a maioria dos observadores interrogou-se acerca da motivação que despoletou tal acto.

Neste sentido também se questionou o Presidente norte-americano Barack Obama: “por que é que dois jovens que cresceram e estudaram nos Estados Unidos fazendo parte das nossas comunidades e do nosso país recorreram a tal violência? E será que tiveram ajuda?” (Gomes 2013, 26).

Estas interrogações constituem o objecto deste trabalho que visa analisar o processo de radicalização e o recrutamento para as organizações *jihadistas* no Ocidente, onde dissecamos as quatro fases deste complexo e controverso processo, desde a pré-radicalização, passando pela auto-identificação, o doutrinação e a *jihadização*.

⁶ O engenho explosivo foi construído com fertilizantes.

1. O PROCESSO DE RADICALIZAÇÃO

Como refere Alex P. Schmid, o termo “radicalização” não é apenas um conceito científico sócio-psicológico, mas também uma construção política, introduzido no debate público e académico, principalmente por responsáveis ligados ao sector da segurança que se confrontam com os dilemas colocados pelo Islão político em geral e o *jihadismo* salafista em particular (Schmid 2013, 19).

Ainda segundo Schmid, o conceito foi cunhado para destacar um relativamente limitado, conjunto de problemas de nível micro, relacionados com as causas do terrorismo que os governos ocidentais enfrentam e os seus esforços para combater, predominantemente, o terrorismo doméstico (*homegrown terrorism*) de membros da segunda e terceira gerações das diásporas muçulmanas (Schmid 2013, 19).

O processo de radicalização, como todos os fenómenos sociais, é complexo e dinâmico, sendo influenciado por múltiplas causas e factores, intrínsecas e extrínsecas, e por isso é heterogéneo e variável de indivíduo para indivíduo, assim como não tem necessariamente de terminar com a concretização de actos violentos ou terroristas (Precht 2007, 32).

Assim, o processo que conduz um militante *jihadista* à realização de acções terroristas, não é o resultado de um único factor que, de *per se*, possa ser considerado a causa catalisadora do processo de radicalização, mas sim, o corolário de uma combinação de factores que, no seu conjunto, explicam a razão pela qual emergem jovens muçulmanos, homens e mulheres, dispostos a realizar ataques terroristas e operações de martírio (Precht 2007, 32).

Christina Hellmich diz-nos que a radicalização é um longo processo de socialização que expõe os militantes às ideias e deliberações do movimento global liderado pela Al-Qaeda (Hellmich, *in* Ranstorp 2010, 73).

Para John Horgan “não há um perfil de terrorista que nos ajude a perceber a variedade de personalidades e dos grupos”, referindo que é “predominantemente uma actividade masculina, embora haja cada vez mais mulheres a aderir (Henriques 2013, 28).

Acerca dos atentados da maratona de Boston, Horgan diz que “existe muita explicação sobre quando, porquê e como é que estes indivíduos se radicalizam”, acrescentando que “o contexto é muito importante: saber se foram radicalizados nos Estados Unidos, no estrangeiro, *online*, ou *online* em complemento com uma zona local, se foram influenciados por cidadãos norte-americanos ou estrangeiros” (Henriques 2013, 28)

Quanto ao processo de radicalização e ao recrutamento são dois termos que denotam fenómenos distintos, mas que geralmente acontecem em simultâneo. A radicalização incide sobre a mudança de atitude que pode levar alguém a adoptar métodos ilegais e provocar uma mudança política, iniciando-se normalmente com a procura de uma identidade, seguindo-se o encontro e a adopção de uma ideologia ou fé, a qual deve ser mantida e desenvolvida, funcionando como um alicerce e, que por vezes, tem um efeito catalisador, levando à concretização do acto terrorista (Neumann 2008, 6-7; Silber e Bhatt 2007, 16).⁷

⁷ O estudo realizado por Mitchell D. Silber e Arvin Bhatt, dois investigadores da Divisão de Informações do Departamento de Polícia de Nova Iorque, pretendeu perceber e compreender as tendências do processo de radicalização no Ocidente, tendo por base as lições apreendidas dos seguintes eventos terroristas: os atentados de 11 de Março de 2004, em Madrid; o Grupo Hofstad de Amesterdão que

O recrutamento é o processo de ingresso num grupo e, conceptualmente, como refere Neumann, pode-se perspectivar o recrutamento como uma relação entre a radicalização e a procura activa de violência, enquanto para Michael Taarnby, representa a ponte entre a convicção pessoal e o activismo violento. Contudo, muitos elementos do processo de recrutamento não podem ser entendidos sem se analisar os caminhos individuais que levaram à radicalização, pelo que os dois processos não devem ser pensados totalmente separados, sendo necessário contextualizar o processo de adesão a um grupo violento, nomeadamente, a interacção entre a mobilização, as queixas ou ressentimentos e a ideologia que são factores críticos para se compreender como os processos de recrutamento se processam (Neumann 2008, 6-7; Silber e Bhatt 2007, 16).

Como factores internos, podemos referir que um dos principais contributos para a radicalização é a falta de debate interno, nas comunidades islâmicas, relativamente à interpretação do Alcorão, o que alimenta a possibilidade da ideologia e das visões extremistas proliferarem (Roy 2004a, 303-309; Korteweg et al., in Ranstorp 2010, 31-32).

A estigmatização e a fragmentação política das comunidades muçulmanas que vivem nos países ocidentais geram o ambiente propício para o desenraizamento e a marginalização da juventude muçulmana (da segunda e terceira gerações) que, consequentemente sente a necessidade de procurar uma identidade, inclusive nas margens violentas e radicais do Islão.

Nesta perspectiva, a generalidade das dificuldades sentidas pela diáspora muçulmana, bem como a generalidade do seu atraso sócio-económico, conjugado com um nível de integração nas sociedades europeias muito baixo e altos níveis de desemprego, ou falta de oportunidades, induzem os jovens muçulmanos a pretenderem outras condições de vida e meios de desenvolvimento, o que reforça e potencia o caminho para a radicalização, surgindo a ideologia salafista *jihadista* como a panaceia que oferece um novo significado para as suas vidas (Roy 2004a, 303-309; Korteweg et al., in Ranstorp 2010, 31-32).

Nestes cenários, existem as condições necessárias e suficientes, para se iniciar o processo de radicalização, ao que não será indiferente a presença de *imãs* radicais em vários países da União Europeia, financiados principalmente pelos petrodólares provenientes da Arábia Saudita que difundem os valores e a ideologia extremista, principalmente a corrente salafista e, posteriormente estabelecem a ponte, entre o vínculo interno e externo durante o processo de radicalização (Korteweg et al., in Ranstorp 2010, 32).⁸

Estes líderes espirituais radicais exploram com muita acuidade, o discurso de glorificação da *jihad* e do martírio, principalmente entre os jovens muçulmanos, que como já referimos, são estigmatizados e discriminados pela sociedade de

assassinou o cineasta Teo van Gogh; o atentado de 7 de Julho de 2005, em Londres; a operação Pendennis, na Austrália que frustrou um ataque em Novembro de 2005; e o Caso 18 em Toronto que evitou um ataque em Junho de 2006 (Silber e Bhatt 2007, 5).

⁸ Um relatório do *Centro Nacional de Inteligencia* (serviço de informações espanhol) enviado a 16 de Maio de 2011 para os ministros do Exterior, Interior e Defesa de Espanha, referia que a Arábia Saudita, Kuwait, Qatar, Emirados Árabes Unidos, Líbia e essencialmente Marrocos, financiam o islamismo e os Muçulmanos que vivem em território espanhol (cerca de 1,2 milhões de pessoas), com o objectivo de influenciar e controlar a comunidade islâmica. Este relatório, citado pelo *El País*, refere também que este financiamento poderá originar atitudes negativas para a convivência entre as várias comunidades, favorecendo o surgimento de guetos e socialidades paralelas, tribunais e polícias islâmicas à margem da legalidade vigente, assim como o abandono escolar das jovens muçulmanas e casamentos forçados, entre outras coisas (Cembrero 2011; DN 2011).

acolhimento. Deste modo, constituem alvos muito vulneráveis e até predispostos aos esforços de recrutamento, cuja tarefa é facilitada pelos meios de comunicação social que desempenham um papel importante na divulgação de informação e funcionam como catalisadores no processo de radicalização, tendo especial relevo e preponderância a internet (Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 32).

Relativamente à dimensão extrínseca, destacamos a política externa dos países ocidentais, principalmente a política externa de segurança e defesa europeia no relacionamento com o mundo árabe e muçulmano, que pode constituir uma fonte de radicalização de indivíduos nas diversas comunidades muçulmanas e, até pode transformar-se num forte catalisador de recrutamento e radicalização.

Como os Muçulmanos na Europa se identificam normalmente com os seus "irmãos" e "irmãs" dos países muçulmanos e com os seus problemas, o que, por sua vez, também afecta o comportamento dos seus correligionários europeus, geram factos que devidamente explorados pelos movimentos extremistas e radicais, constituem um dilema para a Europa (Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 32-33).

Por outro lado, no que concerne aos factores externos quando estes são transmitidos e percebidos por determinados grupos no Médio Oriente e sobretudo explorados ideologicamente, constituem elementos importantes para a construção do seu paradigma. Neste sentido, destacam-se as injustiças e as humilhações sofridas pelos Muçulmanos em vários conflitos importantes, desde a Bósnia, a Chechénia, a Palestina e o Iraque, que contribuem para a radicalização dos jovens muçulmanos na Europa (Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 32-33).

De igual modo, é percebida a política ocidental, nomeadamente a dos EUA, nos países do Médio Oriente, onde é vista como uma forma velada de colonialismo ou neo-imperialismo e estimula o sentimento de injustiça e fraternidade relativamente ao vetusto conflito israelo-palestiniano (Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 33).

Quanto às intervenções militares dos Estados ocidentais, estas constituem grandes contributos para a radicalização dos Muçulmanos, principalmente, quando recorrem ao uso indiscriminado e em grande escala da força, o que potencia a existência de numerosas vítimas e de sofrimento, assim como os chamados "danos colaterais" que contribuem para a formação de uma percepção de injustiça sofrida pelos Muçulmanos e reforça o paradigma do movimento salafista *jihadista* global que nas suas declarações de apoio às vítimas, principalmente através da internet, reitera a mensagem da sua causa, afirmando que o Ocidente pretende dominar o mundo muçulmano (Korteweg et al., *in* Ranstorp 2010, 33).

Como explicitamos, a radicalização começa frequentemente em pessoas frustradas com as suas vidas, a sociedade ou a política interna e externa praticada pelos governos dos seus países e, deste modo, os principais factores no processo de radicalização, consistem em sentimentos de alienação, percepção de marginalização, opressão política, discriminação social ou racial, pobreza, experiências formativas no exterior, e principalmente, a internet aliada e conjugada com a aspiração de "querer fazer alguma coisa" (Precht 2007, 32; Silber e Bhatt 2007, 6).

Um padrão típico nestes indivíduos é que se conhecem e socializam com outras pessoas que perfilham as mesmas ideias e valores e, em conjunto, sob a influência de um líder espiritual, passam por uma série de eventos e fases que, em última análise podem levar à acção e ao cometimento de actos terroristas (Precht 2007, 32). No entanto, apenas algumas pessoas chegam à fase final do processo de radicalização e transformam-se em terroristas, acabando as restantes por parar ou sair do processo em fases diversas (Precht 2007, 32).

Sobre este ponto Alex P. Schmid salienta que a relação entre o radicalismo, a radicalização e o terrorismo é muito complexa. E, nesta perspectiva, considera que John Horgan observou corretamente que “a relação entre a radicalização e o terrorismo é mal compreendida, pois nem cada radical se torna um terrorista nem cada terrorista tem opiniões radicais” (Schmid 2013, 17).

Marc Sageman⁹ num estudo que realizou em 2004, baseado numa amostra de 172 terroristas condenados pelos tribunais,¹⁰ concluiu que a adesão à *jihad* é um processo e não apenas uma decisão pessoal (Sageman 2004, 91). Nesta perspectiva, considera que a radicalização é um processo coletivo e não uma mera decisão individual, em que a amizade e o parentesco são as componentes fundamentais para transformar um muçulmano alienado num dedicado operacional do movimento *jihadista* global (Sageman 2004, 178). Neste processo, a ligação à *jihad* é o elemento comum aglutinador, que constitui um ponto-chave na dinâmica dos grupos e redes terroristas (Sageman 2004, 99).

Para Ongering, a radicalização é um processo de desenvolvimento pessoal através do qual um indivíduo adota ideias e objectivos políticos ou político-religiosos cada vez mais extremos, acreditando que a concretização destes objectivos se justifica através de métodos extremos (Ongering 2007, 3).

Os serviços de informações holandeses consideram que o radicalismo tem “uma disposição crescente para seguir e apoiar - se necessário, por meios não democráticos - profundas alterações na sociedade que podem configurar um perigo para a ordem democrática” (AIVD 2004, 13).

Nesta perspectiva, diversos autores e estudos realizados sobre a radicalização têm demonstrado que este processo se desenvolve em quatro fases, sistematizando-as na pré-radicalização, passando pela auto-identificação, a doutrinação, e a *jihadização* (Silber e Bhatt 2007, 6).

Para Sageman, o processo individual tem as suas dinâmicas interpessoais, englobando os efeitos das circunstâncias e o sentido de indignação moral, uma interpretação específica do mundo, a ressonância com experiências pessoais e a mobilização através de redes, as quais não são etapas de um processo, nem ocorrem sequencialmente: são simplesmente quatro fases recorrentes neste processo, o qual é conduzido por jovens muçulmanos, voluntários, que por vezes, perseguem sonhos de glória lutando por justiça e equidade, tentando impressionar os seus amigos e familiares com actos de heroísmo e de sacrifício, assemelhando-se por analogia aos ídolos da música pop e rock para a juventude muçulmana (Sageman 2007, 3).

Como refere Mina Al-Lami, apesar da identificação das diferentes fases, todos os estudos concordam que há uma fase de mudança individual (como o aumento da religiosidade ou a busca de identidade), que é reforçada com aspectos externos (a discriminação, o racismo, ou o ataque contra os Muçulmanos nas guerras na Bósnia, no Iraque ou no Afeganistão), e finalmente a radicalização violenta que ocorre, normalmente, quando se convive com pessoas que partilham valores, ideias e interesses semelhantes (Al-Lami 2009, 2; Silber e Bhatt 2007, 6).

⁹ Marc Sageman é um psiquiatra forense e consultor de contra-terrorismo. Foi Diretor de Operações da CIA (encoberto como funcionário do *Foreign Service*) e esteve entre 1987-1989 em Islamabad, onde trabalhou em estreita colaboração com os *mujahedin* do Afeganistão.

¹⁰ Este autor começou a construir a sua amostra após os atentados de 11 de Setembro de 2001 que descreveu em “Understanding Terror Networks” (Sageman 2008, 27).

No entanto, estas fases não são claras nem distintas, pois podem sobrepor-se, assim como não são necessariamente sequenciais, pois um militante pode transpor etapas, chegando rapidamente à acção mais extrema, ou inversamente, como já referimos, em caso de desilusão, abandonar o processo em qualquer ocasião (Al-Lami 2009, 2; Silber e Bhatt 2007, 6).

A radicalização pode iniciar-se a qualquer momento e em qualquer sítio, contudo mesquitas, prisões, organizações não governamentais, associações islâmicas, universidades e associações de estudantes, livrarias, cafés, albergues e locais de trabalho, são locais propícios e críticos para este processo se desenvolva. Estes espaços que Silber e Bhatt designaram como "incubadoras da radicalização", funcionam como agentes de radicalização, sendo geralmente locais de paragem, encontro e de reunião destes militantes, gerando o ambiente propício ao desenvolvimento de uma comunidade com uma subcultura radical, onde se difunde a retórica e a narrativa extremista e *jihadista* (Silber e Bhatt 2007, 8-9 e 20).

Peter Neumann classifica estes potenciais locais de radicalização e recrutamento em três categorias. Em primeiro, coloca os locais de congregação (*places of congregation*), que são os pontos de encontro ou reunião dos Muçulmanos, como as mesquitas. Na segunda categoria, inclui os locais de vulnerabilidade (*places of vulnerability*), onde os Muçulmanos podem ser submetidos a situações de stress e alienação e, neste sentido, são potencialmente vulneráveis a abordagens extremistas, como no ambiente prisional (Neumann 2008, 21).

A terceira categoria, os ímanes de recrutamento (*recruitment magnets*) são simultaneamente locais de congregação e vulnerabilidade que os recrutadores percorrem com o objectivo de detectarem indivíduos receptivos à causa radical que procuram uma oportunidade para se juntarem ao movimento (Neumann 2008, 21).

A internet funciona como incubadora virtual e elo de ligação, proporcionado os contactos e deste modo, facilita o processo de radicalização. Na fase de auto-identificação, a internet oferece aos jovens muçulmanos em conflito ou potenciais conversos, o acesso directo à ideologia radical e extremista. Funciona também como um encontro virtual anónimo, onde grupos virtuais de indivíduos com sentimentos e conflitos idênticos se podem encontrar, formar relacionamentos, discutir e partilhar a mensagem da causa salafista *jihadista* (Silber e Bhatt 2007, 8).

Sageman, recorrendo a uma analogia de Adam Smith, diz-nos que "a internet islâmica se transformou na mão invisível global, organizando o terrorismo do movimento salafista global a nível mundial". Perante este panorama, este autor considera que é a "comunicação efectuada através do computador que permite a existência desta organização, descentralizada e sem liderança, cujos fóruns (vulgo salas de conversação) constituem o seu centro de gravidade", possibilitando deste modo que, "a estrutura da internet se tenha transformado na estrutura do terrorismo global islâmico" (Sageman 2008,121).

Durante a fase de doutrinação, quando adoptam esta ideologia, os militantes começam a interpretar o mundo a partir deste contexto recém-formado. A internet permite ao aspirante a *jihadista* ver o mundo e os conflitos globais através desta lente extremista, reforçando ainda mais os objectivos e os argumentos da causa (Silber e Bhatt 2007, 8-9).

Neumann, Donatella della Porta e Sageman, entre outros, consideram que o processo de recrutamento ou adesão a um movimento extremista violento é uma actividade social complexa em que o recrutador e o militante candidato desempenham um papel activo, referindo Sageman que na maioria das vezes, os

recrutadores desempenham as funções de “guardiões” (*gatekeepers*) nas mesquitas, observando o seu ambiente com a predisposição de subverter alguém mais ingénuo ou passivo (Neumann 2008, 31; Sageman 2007, 122).

Neste particular, destacou-se Abdullah Ibn Yusuf Azzam¹¹ como recrutador exímio, o qual na perspectiva de Arístegui, “tinha um olho clínico extraordinário para as pessoas”, tendo funcionado no universo radical como um verdadeiro psicólogo, pois sabia muito bem qual a utilidade que poderia retirar de cada um dos seus novos recrutas. As suas técnicas para detectar e definir personalidades ainda continuam a ser adoptadas, de forma consciente ou inconsciente, pelos diversos movimentos islamistas e organizações salafistas *jihadistas*, especialmente por recrutadores, doutrinadores ou formadores nos campos de treino (Arístegui 2005, 85).

Azzam percebia que cada militante era diferente e distinto, e nem todos podiam nem deviam ser mártires, assim como considerava que alguns tinham de ser preservados, devido à sua origem familiar ou social, ou ainda pela sua capacidade de liderança, carisma ou mesmo experiência em áreas úteis para a organização (Arístegui 2005, 85).

Regressando ao papel desempenhado pelos *imãs* no movimento islamista europeu, um estudo recente citado por Neumann, concluiu que os alegados “pregadores radicais” desempenham papéis centrais nos “estágios iniciais da formação de uma rede terrorista, ou seja, durante o processo de radicalização e recrutamento, estabelecendo os contactos entre os diversos militantes, sem demonstrar nada relacionado com qualquer formação ou planeamento táctico” (Neumann 2008, 35).

Perante tais conclusões e outros estudos, Neumann concluiu que os *imãs* radicais podem desempenhar quatro funções principais (Neumann 2008, 35):

- Lideram a propaganda do movimento salafista *jihadista* global, difundindo a retórica, as mensagens e a narrativa que consideram relevantes para a vida dos Muçulmanos europeus, especialmente os filhos de emigrantes de segunda e terceira geração.
- Intervêm na qualidade de autoridades religiosas, mesmo quando não possuem nenhuma formação religiosa ou outras credenciais teológicas, produzindo *fatwas* para justificarem as acções do *jihadismo* violento.
- Actuam como pólos atractivos (ímanes) para o recrutamento, cujo papel é atrair seguidores de uma vasta área geográfica, facilitando a integração com o movimento.
- Promovem a criação de redes de redes, fazendo a ligação ou a ponte entre a célula individual, os pequenos grupos e as redes nacionais e internacionais, proporcionando deste modo, a união ou a “cola humana” que mantém o movimento salafista *jihadista* global unido.

Quanto aos locais de radicalização ou recrutamento, quer pela sua importância quer pelo seu significado, destacamos a mesquita e a prisão. Devido ao papel central da mesquita na vida das comunidades muçulmanas, não foi surpresa a sua utilização pelos extremistas, porque nestes locais dispõem de boas condições para operar, nomeadamente, na exploração das mesquitas como locais de mobilização e recrutamento (O’Neill e McGrory 2006, 115-116; Neumann 2008, 22).

O objectivo de muitos líderes islamistas na Europa até 2000, passava pela tentativa de controlo de algumas mesquitas para as transformarem em centros operacionais e de recrutamento para operações *jihadistas*, mas passaram a ser essencialmente locais facilitadores de recrutamento e apoio logístico do extremismo violento, como

¹¹ Azzam foi um Irmão Muçulmano de origem jordano-palestiniana. Foi um dos mestres de Bin Laden e o seu primeiro líder espiritual no *jihadismo* violento, tendo esboçado a estrutura inicial do que viria a ser a Al-Qaeda (Gunaratna 2004, 88-99; Arístegui 2005, 84-85).

a mesquita de al-Quds, em Hamburgo, o Centro Cultural Islâmico de Milão ou a mesquita de Finsbury Park em Londres (Neumann 2008, 22).

Pelo seu destaque e importância, faremos uma breve sinopse sobre a mesquita de Finsbury Park,¹² a qual foi inaugurada há cerca de 20 anos, com o objectivo de ser um centro de culto pacífico, e vista como um símbolo do multiculturalismo na Grã-Bretanha, sendo inicialmente apoiada pelo Príncipe de Gales. Contudo, como os arquivos de Guantánamo divulgados pela *WikiLeaks* demonstraram, foi com relativa facilidade que o radicalismo assumiu a sua liderança e controlo, revelando que, até ao final dos anos 1990 a mesquita de Finsbury Park, transformou-se num “refúgio” para onde os jovens extremistas, descontentes e provenientes de todo o mundo, foram canalizados e ali radicalizados, antes de seguirem para campos de treino da Al-Qaeda no Afeganistão (Swinford 2011).¹³

Esta realidade é corroborada pelo facto de pelo menos 35 reclusos do “Estabelecimento Prisional” de Guantánamo, terem passado pela mesquita de Finsbury Park, e por uma rede de centros usados pelos extremistas na Grã-Bretanha, onde se incluem a mesquita de Regent Park, a mesquita de East London e um quarto alugado por cima do clube *Four Feathers Youth*, situado nas imediações de Baker Street (Swinford 2011).

Estes dados também confirmam o que vários estudos e relatórios reportavam, nomeadamente que as mesquitas se tornaram centros de recrutamento para a célula europeia da Al-Qaeda liderada por Abu Hamza¹⁴ e Abu Qatada¹⁵, um clérigo fanático descrito pelos serviços de informações britânicos como o “embaixador de Osama bin Laden para a Europa” (Swinford 2011).

Destarte, as mesquitas tornaram-se o domicílio de muitos jovens, proporcionando apoio logístico (alojamento e alimentação) e um sentimento de comunidade, mas para os clérigos extremistas que as dirigiam, estes jovens eram considerados potenciais recrutas para os grupos *ihadistas* (Swinford 2011).¹⁶

Recentemente, o papel desempenhado pelas mesquitas no recrutamento alterou-se devido a três desenvolvimentos no terreno. As mesquitas que inicialmente funcionaram como locais atractivos para o recrutamento deixaram de existir, devido ao seu encerramento pelas autoridades, ou pelo facto de terem passado a ser dirigidas por *imãs* mais moderados (Neumann 2008, 22).

¹² A Mesquita Central do Norte de Londres (conhecida até 2005 como mesquita de Finsbury Parque) foi construída na década de 1990 (o edifício principal foi inaugurado em 1994) para servir a população muçulmana da área.

¹³ Os novos recrutas eram enviados para o campo de treino de al-Faruq, situado perto de Kandahar, no Afeganistão, onde recebiam quatro fases de treino básico que englobavam o manuseamento de armamento ligeiro e explosivos, treino físico, cartografia e topografia. Após a conclusão do curso básico, os melhores recrutas tinham a oportunidade de passar para uma fase de treino mais avançado, ao estilo das forças especiais, em Farm Tarnak, onde aprendiam técnicas e táticas de *sniper*, de operações em ambiente de montanha ou urbano, manuseamento de armas pesadas (como morteiros) e métodos de sequestro, assassinato e de emboscadas, assim como eram preparados, para resistirem a interrogatórios (Swinford 2011).

¹⁴ É um imã radical que actualmente é um dos reclusos da prisão de alta segurança em Belmarsh, onde cumpre uma pena de prisão de sete anos (Swinford 2011).

¹⁵ Após oito anos de tentativas frustradas, o Governo britânico deportou em 07/07/2013, o líder religioso Abu Qatada para a Jordânia, na sequência de um novo tratado de extradição assinado entre os dois países. Outrora descrito como “embaixador de Bin Laden na Europa”, Qatada vai voltar a ser julgado por acusações de terrorismo (Pereira 2013).

¹⁶ Dados disponíveis nos arquivos de Guantánamo revelam que alegadamente muitos jovens foram objecto de “lavagens cerebrais” com o visionamento de vídeos com alegadas atrocidades cometidas contra muçulmanos na Bósnia e na Chechénia, assim como foram submetidos a palestras de Abu Hamza e Abu Qatada, destacando as virtudes do “Estado Islâmico Puro” que poderiam encontrar no Afeganistão (Swinford 2011).

Em segundo lugar, principalmente após os atentados de 2004, em Madrid e de 2005, em Londres, muitas comissões que lideravam diversas mesquitas na Europa, passaram a prestar mais atenção aos crentes mais extremistas e às suas actividades, aplicando regras muito rígidas que podemos qualificar de “tolerância zero”. Por último, e na sequência de vários atentados, muitos crentes passaram a acreditar que as mesquitas estavam sob constante vigilância das forças de segurança e dos serviços de informações, o que terá contribuído para dissuadir os extremistas (Neumann 2008, 22).

Relativamente à situação nos estabelecimentos prisionais, pela sua natureza específica, também são ambientes propícios ao recrutamento, apesar de serem intrinsecamente muito diferentes das mesquitas (Neumann 2008, 25).

As mesquitas têm um ambiente menos controlado, em contraste com as prisões que pela sua própria natureza, são espaços confinados com acesso e circulação muito restrita. Contudo, devido ao aumento de Muçulmanos entre a população prisional, passaram a ser locais excepcionalmente propícios para a radicalização e o recrutamento, porquanto os reclusos são confrontados com várias questões, especialmente as do foro pessoal e existencial, o que incrementa e facilita a sua conversão à religião, ou até o seu renascimento religioso, muito mais do que noutros ambientes, pois a religião oferece-lhes segurança e dá respostas a algumas das suas questões fundamentais, provocando rupturas inevitáveis com o passado (Neumann 2008, 25).

Neste aspecto, como bem ilustrou Farhad Khosrokhavar, o Islão tem-se tornado um símbolo de rebeldia que confronta o sistema (Khosrokhavar, *in* Smith 2004; Neumann 2008, 25-26): “O Islão está a tornar-se na Europa, especialmente em França, a religião do recalcado, substituindo aquilo que o marxismo outrora representou na Europa”.

No meio ambiente prisional de alguns países europeus, sobretudo em França e na Grã-Bretanha, têm-se formado grupos de radicais e extremistas islâmicos, os quais geralmente adoptam uma retórica agressiva e impõem códigos rígidos de comportamento aos militantes islâmicos, destacando-se dois elementos essenciais para quem pretende integrar e participar nestes grupos (Neumann 2008, 26).

O primeiro advém do apoio prestado pelo grupo aos novos reclusos que, sozinhos e confrontados com um universo novo, diferente e geralmente adverso, são reconfortados pela inserção no grupo, o que é de primordial importância vital para a vida social em ambiente prisional, pois permite-lhes evitar o isolamento e garante protecção física contra outros reclusos (Neumann 2008, 26).

Por outro lado, a adesão a um grupo islâmico *jihadista*, por oposição a outros grupos de reclusos que, na sua maioria estão ligados ao crime comum que caracteriza o ambiente prisional, dá aos membros uma sensação única de força e até superioridade, porquanto, o comportamento dos grupos *jihadistas* neste ambiente oscila entre uma calma aparente e momentos de agressividade, o que naturalmente produz uma sensação de medo e respeito entre os restantes reclusos, incluindo até o corpo dos guardas e funcionários do sistema prisional (Neumann 2008, 26).

Neste ambiente, o processo de radicalização e/ou recrutamento com o movimento *jihadista* processa-se de duas formas. Uma delas é através dos *imãs* radicais que alegadamente garantem a assistência religiosa aos reclusos, o que representa um problema para os governos europeus, como tem sido reconhecido publicamente. A outra forma de ligação com a *jihad* pode ser estabelecida através de reclusos que já eram militantes islamistas. Neste sentido facilitam os contactos com a rede no

exterior, mas sobretudo, a sua reputação irá ajudá-los a cativar outros reclusos para a sua causa (Neumann 2008, 27).

Segundo John Horgan, o terrorismo é essencialmente um “processo de grupo”, porquanto este desempenha um papel importante ao modelar o comportamento de alguém, durante o processo inerente à sua transformação em terrorista, assim como tem um papel ainda mais óbvio, ao defender e promover o uso da violência (Horgan 2005, 108).

Sageman refere que “ninguém nasce terrorista, as pessoas tornam-se terroristas”, justificando esta afirmação pelo facto de esta transformação ser o resultado de um processo que engloba especialmente as relações de amizade e parentesco de cada indivíduo e o ambiente que o rodeia (Sageman 2008, 18-24; Ranstorp 2010, 5).

A maioria dos estudos e investigações sobre processos de radicalização têm demonstrado a falta de um perfil comum e coerente que possa ajudar a identificar potenciais terroristas (Home Office 2005, 31), ou seja, a característica comum entre eles parece ser a normalidade, podendo qualquer pessoa ser um potencial terrorista. Neste universo, encontram-se desde cidadãos ocidentais e com boa formação académica, até quem tenha beneficiado de asilo por diversas razões e estudantes, entre outros indivíduos, aparentemente, bem integrados nas sociedades ocidentais, assim como indivíduos pobres e com dificuldades sócio-económicas. (Al-Lami 2009, 3).

Na maioria dos casos registados, estão indivíduos solteiros que cumpriam as leis do país onde viviam, apesar de alguns terem cometido pequenos delitos criminais, e alguns foram casados e tinham filhos. Por outro lado, alguns tiveram infâncias problemáticas e famílias disfuncionais, enquanto outros vieram de famílias estáveis e felizes (Al-Lami 2009, 3).

Al-Lami referindo-se aos estudos que abordam os perfis de diversos militantes *jihadistas*, diz-nos que estes geralmente estabelecem diferenças entre os Muçulmanos da diáspora no Ocidente. Os indivíduos oriundos dos países do Norte de África, normalmente residem em França, Espanha e Holanda, são relativamente pobres e envolvem-se em pequenos crimes, factores que influem nos seus processos de radicalização (Al-Lami 2009, 3).

Quanto as Muçulmanos oriundos do Sul da Ásia residem principalmente na Grã-Bretanha e, geralmente têm uma situação económica melhor, mas também são vítimas de exclusão social, a qual inspira sentimentos de humilhação e raiva. Por outro lado, os Muçulmanos provenientes do Médio Oriente, na sua maioria, são estudantes e usufruem de boas condições sociais e económicas, pelo que a sua motivação para ingressar nos movimentos *jihadistas* decorre de ressentimentos políticos e dos conflitos no Médio Oriente, assim como da sua familiaridade com a doutrina e a ideologia salafista (Al-Lami 2009, 3).

2. A PRÉ-RADICALIZAÇÃO

A primeira etapa no processo de radicalização ou pré-radicalização constitui o ponto de partida ou iniciático dos indivíduos, desde o seu ambiente e estilo de vida, incluindo a religião, condição social, vizinhança e educação, pouco antes do início da sua jornada pelo caminho da radicalização, o qual é largamente influenciado por factores intrínsecos e extrínsecos a cada indivíduo (Silber e Bhatt 2007, 6 e 22; FBI 2006, 3).

Estes indivíduos têm todo o potencial para se tornarem violentos e, normalmente entram no processo de radicalização, através de quatro *backgrounds* diferentes: os

crentes; os convertidos por protesto; os que procuram a aceitação; e aqueles que renascem reinterpretando a sua fé (FBI 2006, 3).

Este fenómeno transnacional de radicalização no Ocidente surge, em grande parte, em função das pessoas e do ambiente em que vivem, verificando-se que a transformação em terroristas dos indivíduos que nasceram, cresceram ou foram acolhidos no Ocidente, é um processo que não é desencadeado pela opressão, sofrimento, vingança ou desespero, e neste sentido, é muito diferente do ambiente proporcionado no Médio Oriente, muito marcado pelo conflito israelo-palestiniano (Silber e Bhatt 2007, 6-8).

Deste modo, é um fenómeno que advém da falha da Europa na integração da segunda e terceira gerações de imigrantes, tanto económica como socialmente, deixando muitos jovens muçulmanos divididos entre o Ocidente secular e a sua tradicional herança religiosa, o que catalisa o conflito interior e induz a vulnerabilidade destes jovens (que procuram uma identidade e uma causa) face à ideologia e retórica do Islão extremista e radical, as quais são altamente difundidas e muito bem aceites entre a juventude muçulmana no Ocidente (Silber e Bhatt 2007, 6-8).

O ambiente demográfico de um determinado local, seja um bairro, uma vila, cidade, distrito ou Estado, desempenha um papel significativo, proporcionando o terreno fértil para a introdução e crescimento do radicalismo, destacando-se os "enclaves" de população maioritariamente muçulmana, como as comunidades da diáspora no Ocidente, que muitas vezes servem como "santuários ideológicos" para as sementes da ideologia salafista *jihadista*. Além disso, quanto maior o grau de pureza e isolamento destas comunidades, mais vulneráveis se tornam à penetração do extremismo, sob o pretexto de que representa a forma mais pura e devota do Islão (Silber e Bhatt 2007, 20-22).

As pessoas geralmente iniciam o processo de radicalização individualmente, mas, à medida que progredem pelas várias fases ou estágios de radicalização, procuram apoio em alguém que partilhe os mesmos sentimentos, valores e pontos de vista da causa que abraçaram, formando pequenos grupos que emergem, essencialmente, na transição para a fase de *jihadização*, a mais crítica e que conduz à realização de operações de martírio (Silber e Bhatt 2007, 9).

Geralmente vivem, trabalham, divertem-se ou rezam nos "enclaves" das comunidades muçulmanas, em que o género, a idade, o estatuto social da família, a fase da vida, bem como diversos dilemas psicológicos afectam a vulnerabilidade para a radicalização. Como já referimos, uma diversificada e complexa gama de factores sócio-económicos e psicológicos são associados àqueles que optam pela radicalização, desde a frustração com o insucesso escolar, o desemprego, as dificuldades de integração, a pequena criminalidade, entre outros. Assim, a similitude de factores como a idade, a residência, a escola, interesses, personalidades e etnias são críticos para induzir alguém a aderir a um determinado grupo ou célula (Silber e Bhatt 2007, 22).

Os jovens do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 15 e os 35 anos de idade, são particularmente vulneráveis a esta realidade, destacando-se os estudantes e os oriundos de famílias de classe média, porque constituem uma faixa etária geralmente muito orientada para a acção que, por vezes, atravessam fases difíceis em que procuram a sua identidade ou identificação, bem como um caminho e um significado para a sua vida (Silber e Bhatt 2007, 22).

A psicóloga clínica Margaret Thaler Singer enunciou em 1995, com algum detalhe, a psicodinâmica que está na génese de "terroristas domésticos" em geral, e o apelo

do Islão radical aos jovens em fase de transição, em particular, nomeadamente a vulnerabilidade dos indivíduos perante a sedução de um culto explorador (Singer *in* Olsson 2013, 3).¹⁷

Singer diz-nos que os indivíduos vulneráveis são solitários, e podem encontrar-se em fase de transição entre o ensino secundário e o superior, entre a faculdade e um emprego, ou que saíram de casa ou chegaram a um novo local, terminaram uma relação ou divorciaram-se recentemente, perderam inesperadamente o emprego, ou por outro lado, sentem-se sobrecarregados com a evolução dos acontecimentos, ou ainda, não sabem o que fazer na vida. Importa também salientar que as inquietações pessoais são comuns e nestes momentos, qualquer indivíduo está naturalmente mais aberto à persuasão, mais sugestionável, mais disponível para aceitar algo que lhe seja oferecido, sem pensar que pode implicar restrições ou contrapartidas (Singer *in* Olsson 2013, 3).

Peter A. Olsson¹⁸ refere que os mesmos traços psicodinâmicos observados em indivíduos podem também aplicar-se a comunidades ou mesmo a países em transição, deixando-os vulneráveis, numa escala superior, aos esforços de recrutamento terrorista. Isto é particularmente verdadeiro, para adolescentes e jovens adultos descontentes, seja no Afeganistão após a ocupação soviética; no Iraque após a derrota de Saddam Hussein; no período politicamente instável do Líbano após a saída das forças armadas sírias; ou na instabilidade permanente da Somália e do Iémen, não esquecendo as recentes revoltas nos países do Norte de África e do Médio Oriente, territórios que pela sua instabilidade constituem um terreno fértil para os esforços de recrutamento *jihadista* (Olsson 2013, 4).

Perante este cenário complexo, Olsson considera que o culto da Al-Qaeda foi construído sobre uma conjugação complexa da teologia *jihadista* que proclama uma “causa justa” para o grupo terrorista, postulada por Bin Laden ou Anwar al Awlaki, entre outros líderes, que usavam e distorciam os ensinamentos muçulmanos em benefício dos próprios fins de recrutamento e doutrinação dos recrutas (Singer *in* Olsson 2013, 4).

Por outro lado, muitas *madrassas* (as escolas religiosas muçulmanas tradicionais) podem funcionar como escolas preparatórias para a *jihad*, enquanto os seus campos de treino e algumas mesquitas radicais no Ocidente doutrina os jovens e proporcionam os ambientes ideais que satisfazem as seis condições que Singer delineou como necessárias para implementar os processos de reforma do pensamento, vulgo lavagem cerebral (Singer *in* Olsson 2013, 4; Singer 2003, 64-69):

1. *Manter a pessoa sem saber que existe uma agenda para a controlar ou mudar.* Nos campos de treino terroristas utiliza-se a modelagem e a pressão dos pares, assim como a formação militar com armamento e explosivos para os jovens revoltados. O incitamento *jihadista* radical é apresentado aos recrutas como uma extensão normal do estudo e memorização do Alcorão.
2. *Controlar o tempo e o ambiente (social e físico), incluindo contactos e informações.* Esta condição realiza-se facilmente em campos da Al-Qaeda, para onde os *jihadistas* são enviados frequentemente.
3. *Criar um sentimento de impotência, medo e dependência.* Os líderes carismáticos pregam uma fantasia de poder grandioso, misturada com visões da *jihad* vitoriosa que geram sentimentos de medo e impotência nos

¹⁷ Para mais informação, cf. *Cults in Our Midst: The Continuing Fight Against Their Hidden Menace*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

¹⁸ Peter A. Olsson é um médico psiquiatra e psicanalista aposentado. Ao longo da sua vida, exerceu psiquiatria e psicoterapia, tendo leccionado psicoterapia em Houston durante 25 anos e, posteriormente, em New Hampshire.

- recrutas, despojando-os do seu sistema de apoio social e da sua capacidade de agir de forma independente.
4. *Suprimir o comportamento e as atitudes anteriores.* Os islamistas não permitem o debate ou a dialéctica da discussão, rebatendo todas as crenças, atitudes, actividades e comportamentos prévios ao ingresso no grupo.
 5. *Incutir novos comportamentos e atitudes.* Os grupos terroristas manipulam os seus membros através de um sistema de recompensas, de prestígio financeiro e social, conforme evoluem na sua nova identidade e ideologia terrorista. O Paraíso é a recompensa prometida por *Allah* aos mártires *jihadistas*; encarregando-se a organização islamista da compensação das suas famílias.
 6. *Implementar um sistema de lógica fechada.* Isto é conseguido através da inculcação de uma perspectiva de soma nula: nós contra eles, ou seja, o grupo dos verdadeiros crentes versus o grupo dos infiéis.

Sageman, no estudo já referido, rejeita as noções comuns de recrutamento e de lavagem cerebral, considerando que os laços sociais são cruciais neste processo, e precedem mesmo o compromisso ideológico, destacando três factores determinantes para a adesão ao movimento *jihadista* (Sageman 2004, 107-135): a inserção social (facilita a tarefa através da amizade, do parentesco e também dos seguidores ou discípulos, mas apenas se verificou no Sudeste Asiático); a progressiva identificação com a ideologia salafista *jihadista* global; e a aceitação formal através do encontro com um elemento de ligação à *jihad*.

Para Sageman, o parentesco, a predisposição religiosa e o apelo ideológico, são condições necessárias, mas não suficientes, para explicar a decisão de alguém se tornar um *mujahidin*. Deste modo, os laços sociais internos ao grupo são o elemento crítico neste processo, porque facilitam o processo de adesão à *jihad*, através do apoio social e emocional mútuo, desenvolvendo uma identidade comum e incentivando a adopção de uma nova fé (Sageman 2004, 135).

O “pensamento de grupo” constitui um dos mais poderosos catalisadores para orientar um grupo que pretende cometer uma operação de martírio, pois actua como uma força multiplicadora, e propicia um ambiente competitivo entre os membros do grupo, para ver quem é o mais radical. Neste universo, apesar de existirem muitos grupos ou indivíduos que estão no caminho da radicalização, cada grupo precisa de certos arquétipos para poder evoluir, passando de um “conjunto de indivíduos” para se organizarem numa célula operacional terrorista (Silber e Bhatt 2007, 9).

Silber e Bhatt concluíram no seu estudo que todos os grupos possuíam, na sua organização, um líder espiritual e um líder operacional. O primeiro (nalguns casos foi o elemento nuclear, a partir do qual se formou a célula terrorista) para proporcionar a justificação teológica para a *jihad*, que é um factor essencial para o terrorista suicida. O segundo é fundamental quando o grupo decide realizar a operação terrorista, principalmente para organizar, controlar e manter o grupo motivado¹⁹ e concentrado na sua missão (Silber e Bhatt 2007, 9).

Estes para Gustave Le Bon, são homens carismáticos mas “pouco clarividentes”, pois nem podem sê-lo, “porque a clarividência conduz normalmente à dúvida e à inacção” e “o desprezo e as perseguições não fazem mais do que excitá-los ainda mais, sacrificando mesmo, os interesses pessoais e familiares” (Le Bon 2005, 120).

¹⁹ A motivação é algo que dá energia, sustenta e orienta o comportamento e divide-se em duas vertentes: a motivação intrínseca, que é a mais forte, e concentra-se na actividade como um fim em si mesmo, e a motivação extrínseca, direccionada para a actividade como um meio para se atingir o fim (FBI 2006, 5).

A radicalização de um indivíduo ou grupos de indivíduos ocidentais, como já referimos, nem sempre resulta na prática de um atentado terrorista no Ocidente, pois alguns apenas pretendem realizar a *jihad* fora da Europa, tornando-se *mujahidin*, a mítica imagem do herói e guerreiro, amplamente difundida pela internet e que atrai especialmente os jovens muçulmanos do sexo masculino entre os 15 e os 35 anos, a faixa etária mais vulnerável às visões de bravura, honra e sacrifício da sua causa (Silber e Bhatt 2007, 9).

Segundo Neumann existem três fases durante o qual as mensagens salafistas *jihadistas* têm um papel importante na promoção do processo de recrutamento. A primeira ocorre durante a criação ou a exploração de uma crise pessoal. A segunda surge durante o período em que os indivíduos interiorizam a ideologia do movimento religioso enquanto, a terceira e última fase, destina-se a justificar a utilização da violência e representa o culminar do processo (Neumann 2008, 43).

Quintan Wiktorowicz, um professor universitário e especialista em islamismo, que investigou a Al-Muhajiroun²⁰, uma organização islamista radical, descreve o caminho para o radicalismo religioso como um processo de quatro etapas²¹ (Wiktorowicz in Beutel 2007):

1. *Abertura cognitiva* - o indivíduo torna-se receptivo à possibilidade de novas ideias e visões do mundo;
2. *A busca religiosa* - o indivíduo procura significado através de uma linguagem religiosa;
3. *O Enquadramento* - a representação pública oferecida pelo grupo radical "faz sentido" para o indivíduo e atrai o seu interesse inicial;
4. *A Socialização* - as experiências individuais, nomeadamente as sessões e actividades de formação religiosa facilitam a doutrinação, a construção de identidade e alteram os valores religiosos.

Este investigador considera que as três primeiras fases do processo são condições prévias e necessárias para a quarta (socialização). Por outras palavras, se um indivíduo não está aberto a novas ideias, não encontra ou rejeita a mensagem do movimento após a sua exposição inicial, provavelmente não participará nas diversas actividades que o movimento promove para divulgar a sua ideologia e convencer outros indivíduos a aderirem (Wiktorowicz in Beutel 2007).

Assim, explicações como as que enfatizam a integração e o descontentamento social, económico e político entre as minorias muçulmanas e as sociedades de acolhimento, são consideradas causas diretas para alguns Muçulmanos aderirem a organizações radicais e até mesmo violentas (Wiktorowicz in Beutel 2007).

3. A AUTO-IDENTIFICAÇÃO

Esta etapa é largamente influenciada por factores intrínsecos e extrínsecos e, define o momento a partir do qual alguém se identifica e inicia a viagem pelo Islão salafista, enquanto lentamente vai migrando da sua identidade anterior para a nova identidade, baseada e redefinida pelos valores da ideologia e filosofia salafista. O catalisador para esta introspecção e procura religiosa é muitas vezes um evento

²⁰ A Al-Muhajiroun é uma organização islâmica, fundada na Grã-Bretanha por Omar Bakri Mohammed, em Janeiro de 1986. Foi associada ao terrorismo internacional, à homofobia e ao anti-semitismo, sendo proscrita em 14 de Janeiro de 2010, sob o "Terrorism Act 2000".

²¹ Ver o diagrama de Wiktorowicz no Apêndice B.

cognitivo, ou de crise existencial que desperta o indivíduo para uma nova percepção ou visão do mundo (Silber e Bhatt 2007, 30).

Os conflitos pessoais e/ou políticos são muitas vezes a causa que dá origem a uma crise de identidade. Uma crise pessoal pode ocorrer após a morte de um familiar, ou quando alguém pretende dar uma nova direcção à sua vida ou regressar à religião para enfrentar diversas crises da vida, como decepções ou erros do passado, a solidão, entre outros exemplos de conflitos pessoais e existenciais com que muitos Muçulmanos se debatem no Ocidente. Durante esta fase de conflito, as principais influências surgem através da "procura religiosa", efectuada em redes sociais de confiança, de amigos, familiares, líderes religiosos, assim como através da literatura e da internet (Silber e Bhatt 2007, 30).

A crise política é, por vezes, provocada ou desencadeada através de "choques morais", difundidos através de literatura, palestras, televisão, *sites* e fóruns de conversação na internet, vídeos, ou outros meios de comunicação, que constituem os argumentos tácticos usados pelos radicais para difundirem as suas mensagens ideológicas e políticas, as quais associam a atrocidades e ultrajes cometidos por ocidentais contra as diversas comunidades do Islão, principalmente no Afeganistão, Bósnia, Chechénia, Caxemira, Israel/Palestina e Iraque (Silber e Bhatt 2007, 30).

A exposição frequente a estas campanhas extremistas pode originar sentimentos de indignação moral, principalmente naqueles que atravessam uma crise de identidade, provocando um sentimento de renascimento religioso que muitas vezes é acompanhado por uma interpretação radical do que significa ser um crente muçulmano numa sociedade ocidental, ou onde a maioria da população não professa a fé islâmica (Silber e Bhatt 2007, 30).

Como a agenda extremista goza de elevada popularidade, quem busca respostas para as suas inquietações e dilemas fica invariavelmente, exposto a uma infinidade de interpretações do Islão de ideologia salafista e/ou *wahhabita*, que é proporcionada, maioritariamente, por familiares ou amigos, redes sociais, movimentos religiosos ou movimentos políticos, como a Irmandade Muçulmana, e mesmo extremistas, em discussões em vários locais, como talhos *halal*, cafés, academias e grupos de estudo, associações de estudantes, organizações não governamentais e sobretudo na internet (Silber e Bhatt 2007, 30).

Em última análise, o indivíduo é alienado da sua antiga vida e, juntamente com quem partilha as mesmas ideias, valores sociais e políticos, através de pequenas dinâmicas de grupo reforçam a sua dedicação ao salafismo. Esta fase é caracterizada por um processo de auto-selecção através da qual os indivíduos, primeiro aderem ao grupo e depois radicalizam-se (Silber e Bhatt 2007, 31).

Nesta fase, surgem crises que obrigam muitas vezes, estas pessoas a procurarem outros militantes que seguem a mesma ideologia para se apoiarem mutuamente no confronto com o mesmo conflito interior. Posteriormente, estes grupos funcionam como incubadoras de extremistas nos círculos sociais, dentro da sua área social de influência. Durante a fase de auto-identificação, a progressão ou gravitação em relação à ideologia salafista aliada à frequência regular de mesquitas do universo salafista, são indicadores-chave que sugerem que a caminhada da radicalização é um processo em *continuum* (Silber e Bhatt 2007, 31).

Ao longo desta caminhada, os militantes salafistas assimilam algumas características típicas que os identificam, como o desprezo e o abandono de tudo o que se relaciona com a vida anterior; relacionam-se ou participam em grupos que partilham a mesma ideologia e assim reforçam a coesão grupal na dedicação ao salafismo; deixam de fumar, beber, jogar, e frequentar locais relacionados com o

estilo de vida ocidental; bem como passam a usar o vestuário islâmico tradicional; deixam crescer a barba e envolvem-se com o activismo social e as questões da comunidade (Silber e Bhatt 2007, 31).

Segundo a perspectiva de Wiktorowicz as questões de enquadramento económico, descontentamento social e político, resultante de vários tipos de discriminação e vitimização são variáveis que fazem parte da mais ampla abertura cognitiva de um indivíduo que, " (...) geram incerteza nas crenças previamente aceites e tornam o indivíduo mais receptivo à possibilidade de visões e perspectivas alternativas" (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

Em suma, uma crise de auto-identidade resultante de algum tipo de privação pode induzir a pessoa a novas ideias, possivelmente extremistas. Contudo, apenas porque as condições externas precipitam uma abertura cognitiva num indivíduo, tal não significa que esta ocorra necessariamente e, mesmo se não se verificar, não conduz automaticamente ao extremismo (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

Assim, nem todo aquele que possa sentir o mesmo descontentamento opta por participar em tais movimentos, ao invés de aderir a organizações tradicionais ou não fazer nada. Afinal, a esmagadora maioria dos Muçulmanos são cidadãos pacíficos e cumpridores da lei que desejam integrar-se da melhor forma nos seus países de acolhimento. Mesmo para quem decide integrar um grupo, existem outros factores, como a capacidade para aderir a movimentos radicais que também afectam a decisão pessoal (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

Quando a pessoa está mergulhada numa crise de identidade, precisa de encontrar algo para preencher esse vazio, que no caso dos Muçulmanos, muitas vezes é resolvida através da sua fé, ou "busca religiosa". Neste ponto, o indivíduo passa por um processo de tentativa e erro, procurando o conhecimento de forma independente, através de diferentes meios, sejam amigos e familiares, livros, internet e outros meios de comunicação - ou sendo guiado por alguém, possivelmente de outras organizações religiosas, incluindo as radicais (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

No entanto, só porque alguém está a "testar as águas" em diferentes meios e tipos de conhecimento religioso não significa que esteja predisposto, de imediato e automaticamente, a participar numa causa radical. Em vez disso, esta fase de tentativa e erro, é " (...) um processo de persuasão que se caracteriza pela discussão e debate, a troca de ideias através da qual os membros do movimento tentam convencer os candidatos de que a ideologia do movimento fornece as soluções lógicas e prementes para as suas preocupações. Neste sentido, o potencial candidato é um agente activo ao invés de um objecto passivo de doutrinação" (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

Esta fase é particularmente perigosa porque, para além das condições psicológicas do indivíduo, que permitem a sua abertura cognitiva, devido ao maior nível de conhecimento religioso, este também fica mais susceptível às interpretações radicais do Islão. É durante estes diferentes debates e intercâmbios que o movimento radical tenta converter o indivíduo à sua ideologia, ou reformular a sua visão do mundo (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

Quando o interesse do indivíduo for despertado, inicia-se o processo de "socialização", interagindo com outros membros que professam a mesma ideologia e participam em eventos do movimento. É também neste período que o indivíduo passa de um potencial candidato ao movimento, a um membro comprometido que interiorizou a ideologia do grupo, e está num processo de reconstrução da sua identidade. Os outros membros, bem como a organização, vão-se desligando e

afastando, progressivamente, da sociedade e assim reforçam a nova identidade (Wiktorowicz *in* Beutel 2007).

4. O DOUTRINAMENTO

A fase de doutrinação é aquela em que o militante de forma progressiva intensifica a sua crença, e adota totalmente a ideologia salafista *jihadista*. Nesta fase considera, sem qualquer dúvida, que as condições e as circunstâncias requerem a sua acção e apoio na defesa da causa salafista, ou seja, estamos na iminência da concretização de acções *jihadistas*, pelo que é necessária a presença de um *imã* ou líder espiritual que sancione e apoie as acções. Nesta fase, o aspecto fundamental é a aceitação de uma visão político-religiosa do mundo que justifica, legitima, incentiva e apoia a violência contra tudo aquilo que não seja islâmico (*kufur*), incluindo os cidadãos ocidentais e os seus aliados, bem como os Muçulmanos com pensamento oposto à agenda extremista (Silber e Bhatt 2007, 36).

A mudança radical no estilo de vida e o isolamento que se segue, criam um vácuo que exige ainda mais orientação sobre como construir uma nova vida e identidade que suporte a ideologia recém-descoberta e adquirida (Silber e Bhatt 2007, 37).

Neste momento, os líderes religiosos desempenham um papel fundamental ao fornecerem orientações importantes sobre como viver cada detalhe da religião. Os *imãs* radicais assumem este papel desde a fase de auto-identificação, mas a sua influência é vital na fase de doutrinação, pois assumem a responsabilidade pelo desenvolvimento acentuado da dicotomia “nós” contra “eles” na designada guerra contra o Islão, e proporcionam a justificação teológica e moral para a *jihad* (Silber e Bhatt 2007, 37).

Nesta etapa da radicalização existem dois indicadores-chave para se perceber o posicionamento do militante: o abandono da mesquita e a politização de novas crenças. O abandono da mesquita que serviu de incubadora de extremistas e contribuiu no processo de formação e radicalização, acontece quando os militantes imaginam a *jihad* como um objectivo em si mesmo, e neste sentido, a mesquita deixa de servir as suas necessidades de radicalização, ou consideram que o nível de radicalização que atingiram supera o da mesquita. Outro aspecto a considerar é quando um militante se focaliza na acção e vê a mesquita como uma ameaça potencial ao expor as suas intenções, até porque estas começaram a ser alvo de uma vigilância apertada após os atentados de 11 de Setembro (Silber e Bhatt 2007, 36).

Relativamente à politização de novas crenças, como estes militantes adquiriram novas identidades baseadas na ideologia salafista, começam a transferir esta visão radical para o mundo real. Nesta perspectiva, vêm e analisam os diversos problemas e conflitos globais, através das lentes salafistas, como formas de ataques e conspirações contra o Islão e o mundo muçulmano. Assim, aquilo que era apenas uma ideologia transforma-se numa causa pessoal e passam a observar o mundo de uma forma dicotómica: de um lado, os crentes iluminados (os próprios salafistas) e do outro, os incrédulos ou infiéis (aqueles que não professam o salafismo) que consideram os seus arqui-inimigos (Silber e Bhatt 2007, 36).

O grupo assume um papel importante como facilitador do processo de abandono do anterior mundo secular e tudo aquilo que ele representa, passando a constituir a nova família do militante. Desta forma, o grupo substitui e supre qualquer necessidade de interacção com o mundo exterior formando uma célula coesa,

baseada na partilha de uma identidade social, psicológica, ideológica e étnica (Silber e Bhatt 2007, 36-37).

Como já havíamos referido, a internet tem um papel importante durante todo o processo de radicalização. Neste processo, conforme os militantes vão progredindo, também evolui o modo como utilizam os recursos proporcionados pela internet. Durante a fase de auto-identificação, a internet serve principalmente como fonte de informação sobre o Islão e de local de encontro e partilha com outros militantes *online*. Com a proliferação agressiva da agenda e da ideologia salafista *jihadista* torna-se quase impossível alguém conseguir evitar confrontar-se com esta interpretação do Islão (Silber e Bhatt 2007, 37).

Na fase de doutrinação os militantes auto-submetem-se a algo similar a “lavagens cerebrais” e dedicam o seu tempo no mundo cibernético, a *sites* e salas de conversação (*chat rooms*) extremistas que reforçam as suas crenças, o seu compromisso e a legitimidade da causa. Deste modo, a internet torna-se uma “câmara de eco” virtual, funcionando como um acelerador no processo de radicalização e criando o caminho para a fase final da *jihadização*, em que os membros do grupo se desafiam e incentivam uns aos outros para passar à acção (Silber e Bhatt 2007, 37).

Actualmente, a internet é um recurso táctico de vital importância para a obtenção e difusão de instruções sobre a forma de operar, manusear e até manufacturar diversos tipos de armas, recolher informações sobre alvos potenciais, e fornecer justificações teológicas para os ataques e as operações de martírio (Silber e Bhatt 2007, 37). O exemplo mais recente, foi a publicação da primeira revista em língua inglesa, denominada “Inspire”,²² produzida e distribuída *online* pela filial da Al-Qaeda na Península Arábica.

A investigação de Wiktorowicz, em grande parte, pressupõe que todo o processo de radicalização se baseia nas interações humanas, indivíduo a indivíduo, subalternando o papel da internet. No entanto, o seu âmbito é suficientemente flexível para que também lhe possa ser aplicado, avançando como exemplo hipotético de radicalização, unicamente a partir da internet, o seguinte (Wiktorowicz *in* Beutel 2007):

1. *Abertura cognitiva* – surge quando um jovem impressionável navega na internet e, inadvertidamente, depara com um *site* radical que ostensivamente mostra vídeos e fotos de civis muçulmanos a serem mortos na Chechénia, Caxemira, Palestina, Iraque, etc. A natureza gráfica do conteúdo e a forma como está enquadrado é tão forte que “choca” e induz uma abertura cognitiva.
2. *A Busca religiosa* - quem navega na internet com o objectivo de encontrar as respostas que fazem mais sentido para si.
3. *O Enquadramento* - o indivíduo começa a falar em salas de conversação públicas com alguém anónimo, pertencente a uma organização radical, e começa a discutir e a trocar ideias sobre política e religião.
4. *A Socialização* - depois de várias conversas em salas de conversação públicas na internet, o indivíduo e o militante radical tornam-se amigos, sendo o assunto, no mínimo indiferente para a ideologia do radical, começando a discutir em salas de conversação privadas, partilhar mensagens instantâneas ou navegar em *sites* que perfilham a ideologia radical.

²² Já foram publicados *online* dez números da revista “Inspire”.

Assim, é improvável que alguém possa radicalizar-se unicamente pela exposição a determinados *sites*, pois para que este processo seja mais eficaz, pelo menos, a etapa de abertura cognitiva ainda será de indivíduo para indivíduo. O mais provável, devido à extensa utilização da internet para o recrutamento e planeamento de ataques terroristas – é que este processo seja cada vez mais uma combinação de interações eletrónicas e humanas (Rogan *in* Beutel 2007).

Os estabelecimentos prisionais também desempenham um papel importante no reforço da radicalização. As suas características muito próprias, como o ambiente isolado, a possibilidade de gerar um ambiente que atraia os reclusos para a causa, a ausência de distrações no dia-a-dia, e sobretudo a numerosa população juvenil descontente, fazem com que sejam um excelente e fértil terreno para a radicalização (Silber e Bhatt 2007, 39).

5. A JIHADIZAÇÃO

A *jihadização* é a fase em que o militante de um grupo ou de uma célula aceita e assume o seu direito individual de participar na *jihad* e se considera *mujahidin* ou *shahid* (mártir). Contudo, alguns elementos que chegam a esta fase, não desempenham nenhum acto violento (FBI 2006, 8-9; Silber e Bhatt 2007, 43).

Esta fase integra o planeamento operacional, onde se inclui toda a preparação para a acção *jihadista* que inclui a selecção do alvo, o financiamento e a formação de células operacionais e, poderá culminar na realização de um ataque terrorista ou numa operação de martírio. Nesta fase, a dinâmica de grupo desempenha um papel muito mais proeminente, pois enquanto nas fases anteriores, os membros do grupo podiam ser meros conhecidos de encontros virtuais na internet, da universidade ou simplesmente amigos, na fase de *jihadização* o grupo torna-se muito mais sólido e coeso, sendo a lealdade o valor mais importante (FBI 2006, 8-9; Silber e Bhatt 2007, 43).

O “pensamento de grupo” funciona como um multiplicador de forças e, invariavelmente abre o caminho para a acção, a qual constitui o objectivo do grupo e, neste sentido, cada membro é desafiado a aceitar a *jihad* como uma obrigação individual. Este acto de aceitar o dever individual de participar na *jihad* é, pela sua própria natureza, uma decisão muito pessoal e subtil, senão mesmo imperceptível, porquanto, normalmente, a única forma de se saber se alguém já passou por este marcador, consiste na observação, *a posteriori*, das suas acções subsequentes (Silber e Bhatt 2007, 43).

Esta decisão acontece nalguns casos, pela procura individual da oportunidade de cumprir a obrigação da *jihad*, enquanto noutros, é o grupo que decide em conjunto, quem vai executar a missão. Se o objectivo do grupo é a realização de um ataque, o próximo passo será a selecção de potenciais alvos e o planeamento operacional. Embora o compromisso de aceitar a *jihad* seja uma escolha individual, a decisão do ataque é determinada e conduzida pelo grupo que também escolhe o *modus operandi* a seguir. Contudo, o objectivo em qualquer ataque é sempre o mesmo e, consiste na punição do Ocidente, até conseguirem derrubar a sua ordem democrática e restabelecer o Califado e a *Sharia* (Silber e Bhatt 2007, 43).

É importante salientar que enquanto as outras fases da radicalização podem decorrer, gradualmente, durante dois ou três anos, é na fase de *jihadização* que se define e decide o ataque, podendo este ocorrer rapidamente e com poucos sinais de aviso, chegando nalguns casos, a ser executado num prazo inferior a duas semanas. Esta fase pode ser subdividida em várias etapas, as quais podem ocorrer,

não necessariamente de forma sequencial e com os seguintes indicadores (Silber e Bhatt 2007, 43):

- Quando um militante de uma célula *jihadista* decide aceitar e/ou praticar a *jihad* procura uma oportunidade para catalisar a sua decisão e concretizar a missão.
- As viagens ao exterior, realizadas normalmente pelos líderes destas células, a campos de treino de militantes *jihadistas*, sejam no Iraque, Iémen, Paquistão, Afeganistão, Caxemira, Somália, ou outro local, frequentemente contribuem para a decisão de um ataque *jihadista*, pois são eles que dão o impulso definitivo para a acção do grupo.

Relativamente à formação e preparação dos militantes de uma célula *jihadista* que decide passar à acção e realizar a *jihad*, estes começam por se isolar cada vez mais, passando a confiar apenas nos membros do grupo, reforçando a sua coesão e a disciplina interna. Normalmente, nesta fase, realizam todas as suas actividades em conjunto, principalmente actividades ao ar livre, como campismo, *rafting*, jogos de *paintball*, tiro ao alvo e simulações de manobras militares, que ajudam a definir os papéis e as capacidades de cada militante, assim como solidificam a coesão e o espírito de corpo do grupo que são vitais para a realização de um ataque bem coordenado e sucedido (Silber e Bhatt 2007, 43).

Contudo, como estas acções normalmente terminam com a vida dos seus autores, requerem um esforço permanente para a concretização da missão. Para a realização de operações de martírio, um dos requisitos críticos para o seu sucesso, é a convicção profunda e sem hesitações, dos militantes que se vão transformar em mártires, dando a sua vida em prol do Islão e da causa salafista. Esta convicção é especialmente difícil de manter no ambiente ocidental, predominantemente secular, onde se valoriza a vida, o conforto e a prosperidade como objectivos de vida, ao invés do suicídio (Silber e Bhatt 2007, 44-45).

Mas cada ser humano é um caso único e, os membros destas células, apesar do seu compromisso individual com a *jihad*, necessitam por vezes, de reforço psicológico adicional, o qual pode ser fornecido através da internet, concretamente, em *sites* extremistas, salas de conversação e fóruns *online*, assim como blogues, onde os militantes encontram apoio para aliviar fobias e receios e obtêm o sancionamento teológico necessário para a realização das acções (Silber e Bhatt 2007, 44-45).

Os vídeos *jihadistas* ajudam os militantes, a glorificar e imortalizar a sua morte na *jihad* como um destino inevitável, transmitindo o testamento do terrorista suicida, onde este renova os seus votos extremistas, assegurando que a sua morte tem um sentido e a sua família continuará a ser honrada e admirada. Funcionam, simultaneamente, como meios de propaganda, ao difundirem a ideologia salafista *jihadista* e promovem o recrutamento, atraindo novos militantes (Silber e Bhatt 2007, 44-45).

Finalizamos, salientando que apesar dos vários milhões de Muçulmanos que vivem na Europa, rejeitarem parcialmente o estilo de vida ocidental, apenas uma minoria milita e apoia os grupos radicais e hostis ao Ocidente (Waldmann et al., in Ranstorp 2010, 61).

Contudo, o que poderá constituir um dilema de segurança delicado para a Europa, é se as redes radicais que existem nas franjas das sociedades europeias forem reforçadas e apoiadas pela juventude muçulmana, desorientada, desenraizada e marginalizada, principalmente devido à situação social, política, económica e financeira que actualmente vários países europeus enfrentam, conjugado com as incertezas geopolíticas geradas pelas revoltas no Norte de África e no Médio

Oriente, que poderão despoletar campanhas em defesa do Islão salafista no contexto europeu e despertar sentimentos de apoio e de solidariedade, um pouco por todo o lado.

Este objectivo poderá levar ao questionamento sobre o Estado de Direito na Europa e a sua transformação numa espécie de Estado islâmico (Waldmann et al., *in* Ranstorp 2010, 62-63), que seria a génese da implementação do tão desejado Califado pan-islâmico, nomeadamente, pelos salafistas.

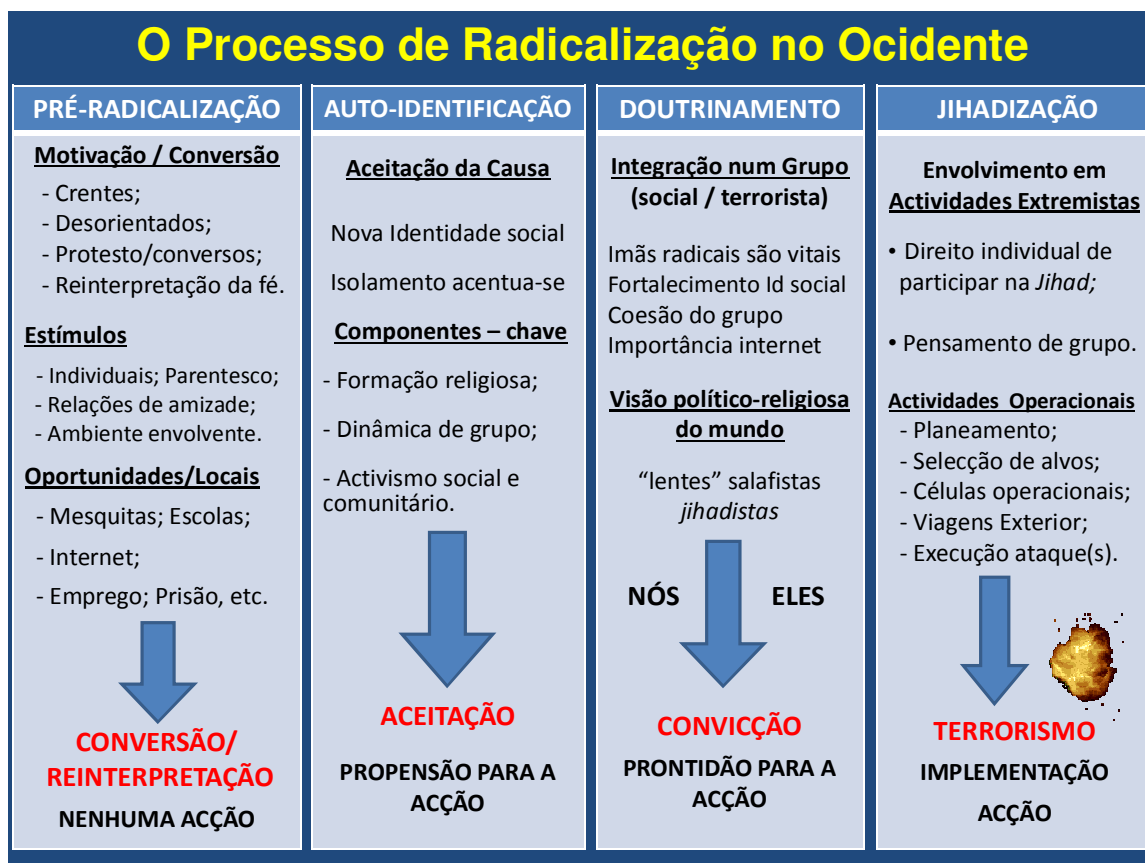
Apesar destes recentes acontecimentos analisados, como referiu Thomas Joscelyn²³, a actual rede do movimento *jihadista* mundial, liderada pela Al-Qaeda está geograficamente mais diversificada do que nunca e os seus grupos filiados combatem em mais países do que em qualquer outro momento, antes ou depois do 11 de Setembro de 2001 (Joscelyn 2013).

Por outro lado, o fluxo e refluxo da pressão internacional tem criado constrangimentos à Al-Qaeda, mas a rede tem demonstrado ter capacidade para lutar pelo seu território, quer seja em África, no Médio Oriente ou na Ásia Central e do Sul. Enquanto isso, o comando geral da Al-Qaeda (*core*) mantém santuários nas províncias afegãs de Kunar e Nuristan (Joscelyn 2013) continuando a manter uma ameaça ao Ocidente, como se verificou com o encerramento simultâneo de várias embaixadas dos EUA e de países europeus em todo o Médio Oriente.²⁴

²³ Depoimento realizado em 18/07/2013, perante a Comissão de Negócios Estrangeiros – Subcomissão sobre Terrorismo, Não-Proliferação e Comércio do Congresso dos Estados Unidos, disponível em http://www.longwarjournal.org/archives/2013/07/global_al_qaeda_affi.php.

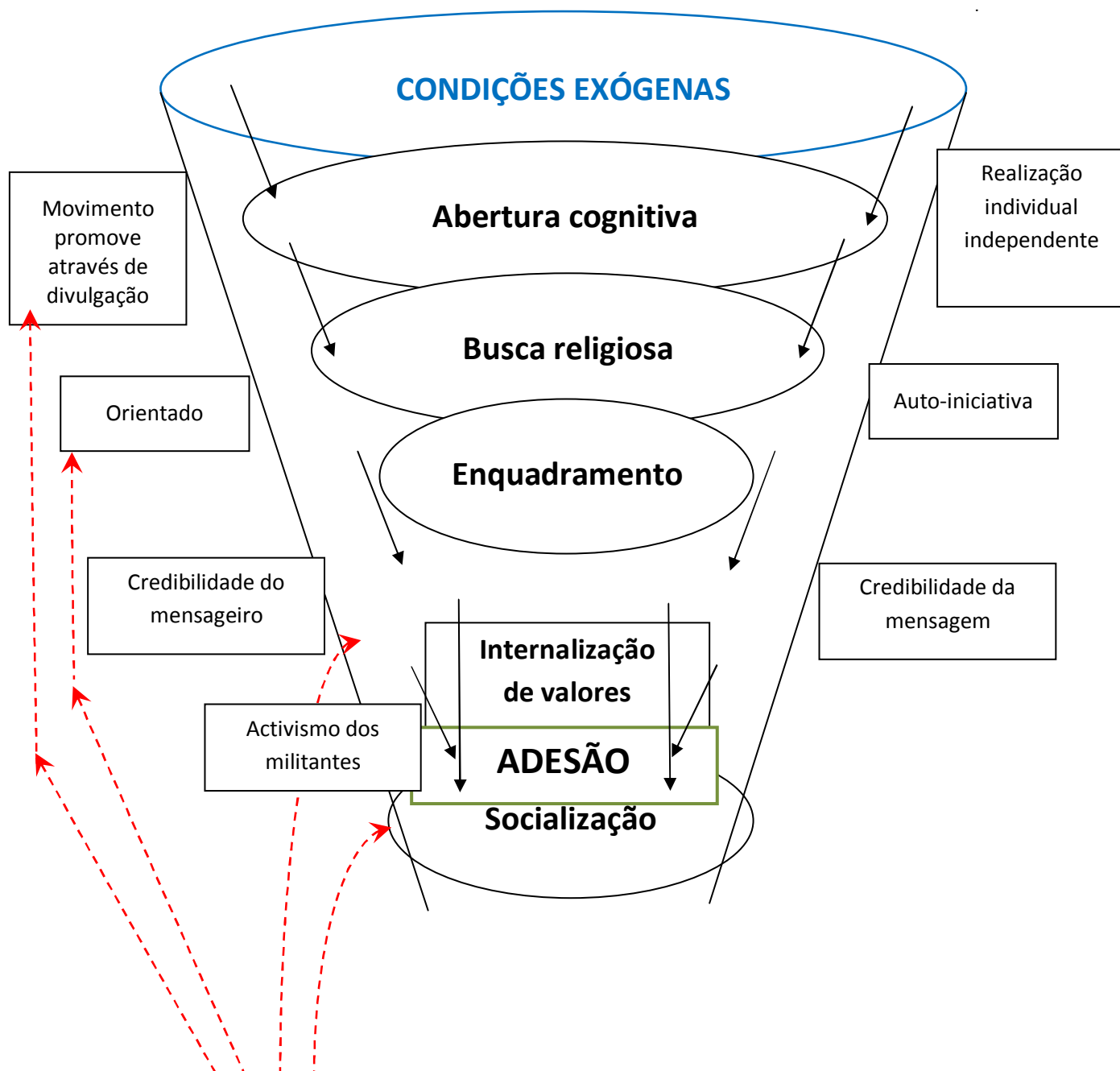
²⁴ Para mais informação cf. Saiz, Eva. 2013. Al Qaeda reaviva el peor temor de EE UU. *El Pais, Madrid*. 6 de Agosto, disponível em http://internacional.elpais.com/internacional/2013/08/06/actualidad/1375815233_287466.html.

ANEXO A: Esquema das fases do processo de radicalização no Ocidente²⁵



²⁵ Adaptado de FBI Counterterrorism Division. 2006. The Radicalization Process: From Conversion to Jihad. *Federal Bureau of Investigation, Washington D.C.*, 10 de Maio, disponível em <http://cryptome.org/fbi-jihad.pdf>.

ANEXO B: Diagrama de Wiktorowicz para a adesão a um grupo religioso radical²⁶



BIBLIOGRAFIA:

Arístegui, Gustavo de. 2005. *La Yihad en España: La Obsesión por Reconquistar Al-Andalus*. Madrid: La Esfera de los Libros.

²⁶ Adaptado de Beutel, Alejandro J. 2007. Radicalization and Homegrown Terrorism in Western Muslim Communities - Lessons Learned for America. *Minaret of Freedom Institute, Bethesda, Maryland*, 30 de Agosto, disponível em <http://www.minaret.org/MPAC%20Backgrounder.pdf>.

- Dayan, Daniel (coord). 2009. *O Terror espectáculo. Terror e Televisão*. Lisboa: Edições 70.
- Horgan, John. 2005. *The Psychology of Terrorism*. Londres: Routledge.
- Le Bon, Gustave. 2005. *Psicologia das Massas*. Lisboa: Ésquilo.
- Neumann, Peter R. 2008. *Joining Al-Qaeda: Jihadist Recruitment in Europe*. Abingdon, Oxon: Routledge.
- Ranstorp, Magnus (edit). 2010. *Where does the Radicalisation Process Lead? Radical Community, Radical Networks and Radical Subcultures*. Abingdon, Oxon: Routledge.
- Roy, Olivier. 2004. *Globalized Islam: The Search for a New Ummah*. Nova Iorque: Columbia University Press.
- Sageman, Marc. 2004. *Understanding Terror Networks*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.
- Singer, Margaret Thaler. 2003. *Cults in Our Midst: The Continuing Fight Against Their Hidden Menace*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

JORNAIS E REVISTAS:

- Cardoso, Rui. 2013. Quando o inimigo mora ao lado. *Expresso, Lisboa, 1º Caderno*. 27 de Abril.
- Gomes, Kathleen. 2013. Depois da tragédia, da caça ao homem e da festa, uma pergunta: porquê? *Público, Lisboa*, 21 de Abril.
- Miguel, João Dias. 2013. A misteriosa vida dos Tsarnaev. *Visão, Lisboa*, n.º 1051, 25 de Abril.

WEBGRAFIA:

- AIVD. 2004. From Dawa To Jihad. The Various Threats From Radical Islam To The Democratic Legal Order. *Ministry of the Interior and Kingdom Relations, The Hague*, disponível em <http://www.investigativeproject.org/documents/testimony/49.pdf>.
- Al-Lami, Mina. 2009. Studies of Radicalisation: State of the Field Report. Politics and International Relations Working Paper, n.º 11. *Department of Politics & International Relations. University of London*, disponível em <http://www.rhul.ac.uk/politics-and-ir/Working-Papers/RHUL-PIR-NPCU Working Paper-11 Al Lami Radicalisation and New Media.pdf>.
- Araújo, Cecília. 2013. O Perfil do Terrorista Moderno. *Veja, Rio de Janeiro*. 28 de Abril, disponível em <http://veja.abril.com.br/noticia/internacional/o-perfil-do-terrorista-moderno>.
- Beutel, Alejandro J. 2007. Radicalization and Homegrown Terrorism in Western Muslim Communities - Lessons Learned for America. *Minaret of Freedom Institute, Bethesda, Maryland*, 30 de Agosto, disponível em <http://www.minaret.org/MPAC%20Backgrounder.pdf>.
- Burke, Jason. 2013. Al-Qaida: how great is the terrorism threat to the west now? *The Guardian, Manchester*, 29 de Janeiro, disponível em <http://www.guardian.co.uk/world/2013/jan/29/al-qaida-terrorism-threat-west>.
- Cembrero, Ignacio. 2011. El CNI alerta de que seis países musulmanes financian el islamismo. *El País, Madrid*. 01 de Agosto, disponível em http://www.elpais.com/articulo/espana/CNI/alerta/paises/musulmanes/financian/islamismo/elpepiesp/20110801elpepinac_1/Tes.
- Cordeiro, Pedro. 2013. Um terror mais difícil de travar. *Expresso, Lisboa*. (1º caderno), 01 de Junho.
- DN. 2011. Serviços secretos: 6 países financiam islamismo espanhol. 01 de Agosto. *Diário de Notícias, Lisboa*, disponível em http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=1940259&seccao=Europa.
- Editorial El País. 2012. Terrorismo en Toulouse. *El País, Madrid*, 22 de Março, disponível em http://elpais.com/elpais/2012/03/21/opinion/1332357871_241435.html.
- Euronews. 2013. América face a novas formas de terrorismo. *Euronews, Lyon*, 24 de Abril, disponível em <http://pt.euronews.com/2013/04/24/america-face-a-novas-formas-de-terrorismo/>.
- FBI Counterterrorism Division. 2006. The Radicalization Process: From Conversion to Jihad. *Federal Bureau of Investigation, Washington D.C.*, 10 de Maio, disponível em <http://cryptome.org/fbi-jihad.pdf>.
- Guardian. 2012. Anders Behring Breivik: the indictment. *The Guardian, Manchester*, 16 de Abril, disponível em <http://www.guardian.co.uk/world/2012/apr/16/anders-behring-breivik-indictment>.

Guardian. 2013. Criminal Complaint. United States of America vs Dzhokhar Tsarnaev. *United States District Court for the District of Massachusetts*, 22 de Abril, disponível em <http://www.guardian.co.uk/world/interactive/2013/apr/22/dzhokhar-tsarnaev-criminal-complaint-charges>.

Henriques, Joana Gorjão. 2013. O terrorismo sempre foi sobre teatro: os terroristas querem muita gente a ver. *Público, Lisboa*, 21 de Abril, disponível em <http://www.publico.pt/mundo/jornal/o-terrorismo-sempre-foi-sobre-teatro-os-terroristas-querem-muita-gente-a-ver-26416348>.

Joscelyn, Thomas. 2013. Global al-Qaeda: Affiliates, Objectives, and Future Challenges. *The House Committee on Foreign Affairs Subcommittee on Terrorism, Nonproliferation, and Trade. United States Congress, Washington D.C.* 18 de Julho, disponível em http://www.longwariournal.org/archives/2013/07/global_al_qaeda_affi.php.

Lima, Bernardo Pires de. 2011. Que nos diz Anders Breivik. *Diário de Notícias, Lisboa*. 28/07/2011, disponível em http://www.dn.pt/inicio/opiniao/interior.aspx?content_id=1933424&seccao=Bernardo%20Pires%20de%20Lima.

Olsson, Peter A. 2013. Homegrown Terrorists, Rebels in Search of a Cause. *Middle East Quarterly, Filadélfia*, vol. 20, n.º 3, disponível em <http://www.meforum.org/3539/homegrown-terrorists>.

Ongering, Lidewijde. 2007. "Homegrown terrorism and radicalisation in the Netherlands: Experiences, explanations and approaches", *Testimony to the U.S. Senate Homeland Security and Governmental Affairs Committee*, disponível em <http://www.investigativeproject.org/documents/testimony/292.pdf>.

Pereira, Ana Fonseca. 2013. Londres extraditou para a Jordânia o pregador radical Abu Qatada. *Público, Lisboa*, 07 de Julho, disponível em <http://www.publico.pt/mundo/noticia/londres-extraditou-para-a-jordania-o-pregador-radical-abu-qatada-1599534>.

Precht, Thomas. 2007. Homegrown Terrorism and Islamist Radicalisation in Europe: From Conversion to Terrorism. *Ministério da Justiça da Dinamarca*, disponível em http://www.justitsministeriet.dk/fileadmin/downloads/Forskning_og_dokumentation/Home_grown_terror_ism_and_Islamist_radicalisation_in_Europe_-_an_assessment_of_influencing_factors_2_.pdf.

Schmid, Alex P. 2013. Radicalisation, De-Radicalisation, Counter-Radicalisation: A Conceptual Discussion and Literature Review. *International Center for Counter-terrorism. The Hague*, ICCT Research Paper, disponível em http://www.icct.nl/download/file/ICCT-Schmid-Radicalisation-De-Radicalisation-Counter-Radicalisation-March-2013_2.pdf.

Silber, Mitchell D.; Arvin Bhatt. 2007. *Radicalization in the West: The Homegrown Threat*. *New York Police Department Intelligence Division*, disponível em http://www.nypdshield.org/public/SiteFiles/documents/NYPD_Report-Radicalization_in_the_West.pdf.

Smith, Craig. 2004. "Islam in Jail: Europe's Neglect Breeds Angry Radicals. *New York Times, Nova Iorque*. 8 de Dezembro, disponível em http://www.nytimes.com/2004/12/08/international/europe/08prisons.html?_r=1.

Veiga, João Paulo Cândia. 2005. O Terror como Espetáculo. *Centro de Estudos das Negociações Internacionais, São Paulo*, disponível em <http://www.caeni.com.br/analise-caeni/item/128-o-terror-como-espet%C3%A1culo>.

Yitzhak, Eduard. 2013. Síndrome de Yihad Súbito. *Grupo de Estudios Estratégicos, Madrid*. 24 de Maio, disponível em http://www.qees.org/articulos/sindrome_de_yihad_subito_9730.